

O que ou quem é o homem?¹

O erro de Descartes e a interpretação contemporânea da natureza humana

Ursino Neto

*Sei muito bem que estudar uma questão
não é o mesmo que respondê-la*
(António Damásio)

*O homem é algo informe, um material,
uma pedra feia que necessita de escultor*
(Friedrich Nietzsche)

SUMÁRIO

- 1 Considerações iniciais
 - 1.1 Situando o contexto do tema
 - 1.2 Objetivo do texto didático
- 2 A interpretação hegemônica da natureza do homem como um composto dicotômico: corpo e mente (ou pensamento, ou alma).
- 3 Dois marcos de superação da dicotomia
 - 3.1 Benedictus Espinosa
 - 3.2 Friedrich Nietzsche
- 4 O erro de Descartes e a interpretação contemporânea da natureza humana
- 5 Considerações finais
 - 5.1 Implicações da pesquisa para a *ética-da-vida* ou *aionética*: um duplo desafio

1 Considerações iniciais

1.1 Situando o contexto do tema

O que ou quem você pensa que é? Estas são questões que outrem nos dirige em alguma situação ou contexto da vida.

Quer aconteça em uma discussão acalorada quando, possivelmente, o cerne do conflito seja a extrapolação de algum limite (por qualquer das partes ou de ambas).

Quer seja em um diálogo amistoso, de qualquer modo, a resposta indicará sempre algum grau da nossa exterioridade relativa a essa interlocução momentânea.

Tal espécie de frase interrogativa é sempre remetida a nós por um interlocutor direto (o outro) ou indireto (uma mensagem de texto que visa a nos auxiliar com alguma reflexão etc.).

¹ Texto didático 6 (graduação 2020.1), uma referência para produzir um *exercício de experiência ética*.

Quem sou eu? Já esta indagação é o problema cerne característico da subjetividade humana, aquele que cartografa a nossa dimensão interior e que poderá eclodir em qualquer período da vida humana sem a intervenção externa.

Talvez, até possa ocorrer em uma situação de angústia; todavia, poderá nos fazer compreender e justificar a nós mesmos os nossos gestos, atitudes, atos e compromissos sociais; enfim, o valor da nossa vida.

Hannah Arendt (1906-1975), uma das mais brilhantes filósofas do século XX, alemã de nascimento, porém radicada nos EUA para fugir do nazismo, fez uma análise perspicaz, sutil, reflexiva dessa temática, distinguindo duas questões a partir da leitura do livro *Confissões* de Santo Agostinho (354 - 430, filósofo e teólogo da Igreja Católica).

Ela escreveu²:

Agostinho (...) estabelece uma diferença entre as perguntas “Quem sou?” e “O que sou?": a primeira é feita pelo homem a si próprio (“E dirigi-me a mim mesmo e disse-me: Tu, quem és tu? E respondi: Um homem” – *tu, quis es?*), e a segunda é dirigida a Deus (“O que sou então, meu Deus? Qual é a minha natureza?” – *Quid ergo sum, Deus meus? Quae natura sum?*)

Para Arendt, apesar de Agostinho colocar o problema sobre a natureza humana muito bem, a sua resposta é “como pular sobre nossa própria sombra”: um paradoxo insolúvel.

Contudo, a filósofa se desafiou a ampliar a interpretação agostiniana.

A determinação da natureza do *que sou* faz uma exigência: estabelecer o designado e o definido deste *quê* fora de si mesmo, ou seja, se estabelece o *outro*, aquele a quem pertence a *autoridade* para ditar ambas condições (a designação e a definição).

Neste contexto ou experiência de vida se instaura a dimensão da deidade, da alienação, da causa que torna a subjetividade humana um objeto estabelecendo o *assujeitamento* (o homem deixa de ser sujeito).

Por outro lado, a atitude de afirmar *o quem sou é gesto que nos eleva acima das coerções vindas ao nosso encontro a partir do mundo e indica o valor da nossa relação com a liberdade*.

Essas primeiras impressões sobre o tema poderiam ser corroboradas pelo filósofo Immanuel Kant (1724-1804), um dos principais pensadores da cultura ocidental, autor da chamada “revolução copernicana” na filosofia.

Ele afirmou que, dentre todos os problemas possíveis elaborados pela razão humana, três seriam os mais relevantes:

O que me é possível conhecer? (questão epistemológica ou de teoria do conhecimento), o que devo fazer? (questão abrangendo as dimensões da *ética* e da moral) e o que posso esperar? (questão metafísica e, sobretudo, religiosa quando se interroga sobre o que acontece “após a morte”).

Entretanto, prosseguiu ele, os três questionamentos seriam sintetizados em um só: *o que é o homem?* (questão antropológica em cujo cerne eclode a interrogação ontológica sobre a *essência do ser humano*).

A característica do problema posto (*o que é?*) exige uma resposta que busca desvelar a natureza do *quê*, deste *algo* como uma *essência* pertencente ao homem.

Tal questão almeja conhecer a natureza humana universal: aquela que se aplicaria a você, a mim e a todos os seres vivos da nossa espécie.

² Cf. ARENDT, H. *A Condição Humana*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p. 18.

O filósofo contemporâneo Francis Wolff³, percorrendo desde a Antiguidade até hoje, destacou *quatro figuras* representativas da natureza do homem.

A primeira, originária da filosofia grega clássica, denominava o ser humano de “*vivente dotado de linguagem*” ou, como é mais conhecida, de “*animal racional*”.

A segunda, proveniente da Modernidade, concebia o homem como uma “*substância pensante unida a um corpo*”.

A terceira e a quarta são nossas contemporâneas: o “*homem estrutural*” também interpretado como “*sujeito sujeitado*” e, a mais recente, o “*homem neuronal*” ou o “*vivente como os outros*”.

A importância delas se legitima pela ruptura cultural na ordem do saber ou pela ultrapassagem de paradigma que cada uma proporcionou em sua época.

A figura 1, o “*vivente dotado de linguagem*” (ou “*animal racional*”) provém da filosofia de Aristóteles (385 a.C.-323 a.C.).

Para ele, o problema consistia em saber o que distinguia especificamente o ser humano; portanto, partia da explicação externa e comparativa com os outros animais: o homem é o vivente portador do *logos* (pensamento e linguagem racionais).

Já na Época Moderna, René Descartes (1596-1650) inverteu o procedimento e determinou a sua concepção de homem na interioridade, na capacidade humana de pensar a si mesmo: esta é a meta da figura 2 ou a “*substância pensante unida a um corpo*”.

Ao considerar as duas figuras anteriores como oriundas da metafísica, a figura 3 se contrapõe a elas a partir da constituição de “*práticas científicas*” consolidadas no século XX no campo designado de “*ciências humanas*” (antropologia, sociologia, psicologia etc.) para qualificar o homem como um sujeito, porém “*estruturado*”, “*formatado*” pelas instituições da cultura (escola, família, grupo social, profissão etc.) que o tornam “*assujeitado*”.

A contemporaneidade da figura 4 tem origem no conjunto de saberes que hoje se denomina de ciências cognitivas ou de neurociências.

Para elas, o homem é um “*vivente como os outros*” ou um animal proveniente da evolução natural tendo como principal característica e destaque a expansão do cérebro, daí o significado de “*homem neuronal*”.

Como entre as figuras existe inter-relação, é possível estabelecer um problema de partida: dentre elas, qual se fez hegemônica na história e ainda nos atinge na atualidade?

Senso comum, a resposta imediata e preliminar indicaria o homem como uma figura composta de corpo e mente (ou pensamento, ou alma).

Considerando esta indicação como uma hipótese de pesquisa; então, o foco inicial do estudo se dirige para o período da Modernidade, pois a interpretação do homem como esta *figura dual* se consolidou lá.

Tal escolha se justifica porque a figura de composição dupla se interpõe entre as outras e possibilita a interface tanto com a primeira, isto é, o homem como um animal racional quanto com as duas últimas: o homem assujeitado e o homem neuronal.

A temática que este texto didático se propõe estudar é relevante para a medicina?

Aqui não se pode tergiversar. A resposta é cristalina:

As quatro figuras históricas são expressões da forma de vida do homem e a medicina é o saber biológico mais significativo para a atuação do biopoder sobre a vida humana.

³ Cf. WOLFF, F. *Nossa humanidade: de Aristóteles às neurociências*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

Portanto, o tema expõe e sinaliza para a crítica da relação entre a medicina e o biopoder que será analisada adiante em outro momento do curso.

1.2 Objetivo do texto didático

O objetivo deste texto didático é estudar a representação do homem como uma figura bipartida para se compreender a etapa seguinte: o processo de superação desta dicotomia por intermédio do saber da bioética como *ética-da-vida* ou *aionética*.

2 A interpretação hegemônica da natureza do homem como um composto dicotômico: corpo e mente (ou pensamento, ou alma)

A natureza humana representada como corpo e alma tem origem mítica desde os primórdios da cultura ocidental.

Com o advento do pensamento filosófico, principalmente, a partir de Platão (427 a.C.-347 a.C.), a alma adquiriu um destaque que ainda hoje é vigente, sobretudo, porque a hierarquia estabelecida pela interpretação platônica foi apropriada pelo poder da Igreja Católica, agregada ao Império Romano, que a reorientou atribuindo à alma um valor eterno, divino, sagrado, absoluto.

Entretanto, tal valor do poder religioso foi sendo paulatinamente questionado e substituído com o advento da Modernidade na cultura do Ocidente. Tal fenômeno, relativo à interpretação dos valores humanos, foi sintetizado na expressão *niilismo*, como visto no texto didático anterior.

Os princípios e as razões da Época Moderna são herdeiros da Renascença e expressam o cotejo e a ultrapassagem da cultura medieval.

A Modernidade instaurou um conjunto de valores expressando uma nova perspectiva de cultura com outras características de poder, de política, de sociedade, de educação e, sobretudo, de ciência.

O foco desta pesquisa se direciona para o acontecimento denominado de “momento cartesiano” porque ele é a fonte originária da constituição da subjetividade humana produzida no decurso dos últimos quatro séculos, de acordo com Michel Foucault⁴.

Assim sendo, tal empreendimento não deve ser atribuído somente a René Descartes (o adjetivo “cartesiano” é referente a *Cartesius*, o nome de Descartes em latim), mas a uma sequência de etapas elaboradas a partir do século XVII que culminaram no século XIX com o positivismo.

Esta linha de pensamento que ainda hoje segue atuando com nuances, só admitia reconhecer como autêntico o saber que se constituísse necessariamente como uma “ciência positiva”.

O imputado a Descartes, considerado de extraordinária relevância, é a autoria de uma nova perspectiva de fundamentação da teoria do conhecimento humano.

Ele problematizou a dúvida radical indagando: qual a garantia que eu existo? O que fundamenta a minha existência?

Ao partir da hipótese interpretando toda a realidade como falsa, instaurou um procedimento metodológico determinando o ato de pensar como a primeira e única garantia da verdade: a original e evidente justificativa da existência humana.

Trata-se do *cogito, ergo sum* (penso, logo sou).

⁴ Cf. FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Desde então, o novo método de pensamento estabeleceu como princípio o acesso do indivíduo à verdade do seu próprio ser.

Implícita na lógica cartesiana, o ato de conhecer se tornará, posteriormente, um apelo supremo à aquisição da verdade no âmbito da razão, supervalorizando o plano cognitivo, sendo a fonte de uma nova força de pensamento filosófico – o racionalismo.

Daqui se conformará os conceitos de sujeito, subjetividade, consciência e outros estabelecidos nas “ciências humanas” determinando as várias definições características do campo como autoconhecimento, personalidade, comportamento etc.

Todavia, a concepção original de Descartes (“pensar é igual a ser”) foi criticada já na sua época a partir do questionamento sobre a substancialidade desigual.

Em outras palavras, foi posto o problema: como é possível a coerência do argumento “pensar é igual a ser”, se há nesta proposição duas substâncias distintas - o pensamento (*res cogitans*) e o corpo (*res extensa*)?

Continuando, o desenvolvimento do “momento cartesiano” reconfigurou o dualismo platônico e inseriu nele a interpretação da “essência” do homem como sendo um puro exercício de pensamento (*cogito*); conseqüentemente, subvalorizando a influência do corpo, das sensações e suas implicações como afetos, emoções etc.

Neste ponto, se faz necessária a exigência crítica do texto didático de problematizar: a figura do homem de composição binária ou dicotômica atende a quais interesses? O que se põe oculto por detrás de tal figura? Ela expressa quais valores morais?

Estes problemas têm uma resposta sintética inequívoca: o *poder da ciência* significando e autorizando a intervenção sobre o corpo explorando dois principais valores.

No primeiro, destaca-se o estatuto ontológico, ou seja, o *ser corpo humano* tem o mesmo sentido do *ser objeto natural* ou de *ser qualquer outra coisa extensa*, pois todos os corpos são interpretados como sendo a *substância extensão*.

A conseqüência lógica se deduz como uma imposição: à ciência se agrega o poder e a autoridade de usar, manipular ou intervir sobre o corpo humano.

No segundo valor, a própria Natureza como um todo é corpo.

Com isso, ela é considerada um objeto submisso à vontade do homem que se vê com o poder e o saber para controlá-la e dela extrair tudo para o desenvolvimento do seu bem-estar e conforto.

No livro *Ciência com consciência*, o filósofo francês contemporâneo Edgar Morin interpretou a justificativa histórica do poder de intervenção da ciência moderna.

Para ele, o fenômeno científico eclodido na Modernidade assumiu uma posição extrema, tanto doutrinária quanto intervencionista, porque a ciência enfrentava naquele período o poder de outra força extraordinária: o saber da revelação religiosa como o absoluto da verdade.

Contudo, hoje tal postura científica é insustentável, injustificável.

Um registro exige atenção: a ciência é adversária da religião em diversos aspectos: na leitura e explicação da realidade, no âmbito dos valores morais etc.; no entanto, ela manteve a concepção religiosa da dicotomia humana.

Evidentemente, não mais como corpo e alma, porém como corpo e pensamento (mente).

Seguramente, o principal valor que as move é distinto, pois enquanto o saber científico é capturado e utilizado para o objetivo “oculto” do biopoder, ou seja, o econômico; a religião se direciona para uma “vida após a morte”.

Embora, sem dúvida, alguns tipos de “igreja” também tenham como finalidade auferir lucro.

Em síntese, a ciência moderna é a fonte da principal força de supremacia histórica que atua na imposição da figura do homem bipartido determinando-a, estabelecendo-a e fazendo-a permanecer na cultura até a contemporaneidade.

Essa assertiva é de máxima relevância, pois considerando o caso específico do saber médico, é imperativo que se tenha hoje a criticidade para compreender e viver a relação entre a ciência, o biopoder e a medicina.

3 Dois marcos de superação da dicotomia

Como se conhece, mesmo durante o “momento cartesiano” houve contestação.

O desafio posto ao pensamento contrário projetou uma nova figura humana capaz de superar aquele modelo dicotômico.

Lembrando: superar não é derrotar, não é elidir, não é excluir; mas ultrapassar um significado inicial com o propósito de atribuir-lhe um novo valor.

3.1 Benedictus Espinosa

Holandês de nascimento, porém de família judia originária de Espinoza dos Monteros, pequena cidade situada no norte da Espanha, migrante por Portugal e França, Baruch (do hebraico, “abençoado”) também chamado de Bento ou de Benedictus Espinosa (1632-1677) foi o primeiro filósofo a elaborar teoricamente um sistema de pensamento em que no seu cerne se propunha a superação da dicotomia corpo e alma.

Ele foi um dos pensadores na história da filosofia adepto da corrente do monismo ontológico que interpreta a realidade como constituída de um único ser, de uma única substância.

A síntese, em suas próprias palavras escritas em latim: *Deus sive Natura* (Deus ou [o mesmo que] a Natureza).

Na obra prima dele, *Ethica ordine geometrico demonstrata* (Ética demonstrada ao modo dos geômetras), a relação dual é pensada como uma unidade.

Para Espinosa, a mente⁵ é a percepção, ou melhor, a ideia que o homem faz do seu corpo e do mundo exterior por intermédio dos diversos estados que o afetam.

Em outras palavras, a mente é um modo de se pensar o corpo, de se formar um conceito dele em função da natureza das afecções que o modificam⁶.

Espinosa correlacionou corpo e mente por intermédio do *afeto*. Este é um conceito que abrange ao mesmo tempo uma afecção corporal e uma modificação mental.

Ou seja, o afeto é uma *realidade psicofísica* só concebida a partir da interpretação do corpo humano como uma unidade complexa.

O afeto fornece o conhecimento do que se passa no corpo como algo benéfico ou nocivo.

Isto amplia, aumenta a potência de agir do homem quando o afeto é de alegria e coíbe, diminui tal potência quando é de tristeza.

Portanto, o *afeto modula a dimensão ética do ser humano* para o melhor ou para o pior.

3.2 Friedrich Nietzsche

⁵ A palavra *mente* é historicamente correlata a outros dois termos: *alma* e *espírito*; entretanto, hoje, os dois últimos são aplicados quase exclusivamente aos contextos religioso e literário.

⁶ Cf. JAQUET, C. *A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

Além de Espinosa, outro pensador a conceber a superação do modelo bipartido foi Friedrich Nietzsche (1844-1900). É possível aproximá-los em conteúdo, embora sejam distintos em estilo e confecção dos textos, pois o filósofo alemão não se preocupou em construir um sistema de pensamento.

Para Nietzsche, também a vida humana é um desenrolar de pontos, de linhas e, sobretudo, de centros de forças em permanente confronto, em contínua transformação: um incessante devir.

Os sentidos humanos compõem o real interpretando-o como estável. Entretanto, isso é somente uma “aparência” e desta se estabelece um paradoxo.

A experiência interna do corpo contesta a suposta “evidência aparente” porque se vive no acontecimento interno um movimento perpassado por forças múltiplas em incessantes alterações que se passam no plano das ideias, das emoções, da vontade, pois tudo é transformado a cada instante.

Todavia, o homem utiliza o instrumento da lógica tradicional para lhe fornecer a “aparência de identidade”, de estabilidade e de permanência da realidade que, de fato, é múltipla, diversa, caótica.

Em uma formulação genial, Nietzsche inovou e superou a figura do homem dual ao interpretar o corpo como uma relação de forças em transformação contínua; contudo, com algo permanecendo constante.

Este algo, ele o denominou de *Si-mesmo* (em alemão, *Selbst*) ou de *Si corporal* que, sendo uma força, atuava compondo o corpo como uma unidade aberta⁷.

Para nós, hoje, aqui se desvela a compreensão da *unicidade* do organismo humano como *corpo-energia-mente*.

Concluindo com uma observação: é inócua a tentativa de refutar a ultrapassagem realizada pelos dois filósofos citados acima questionando a limitação de ambos no que concerne ao saber científico delineador da figura dicotômica.

Ora, é de conhecimento público que Nietzsche estudou textos de biologia para produzir os seus próprios, inclusive fez citações de autores biólogos neles. Evidente, se trata da biologia do seu século.

No entanto, o mais surpreendente é a atualidade de Espinosa!

O príncipe dos filósofos, como a ele se refere Gilles Deleuze, teve a sua obra resgatada, como se verá a seguir, por um expoente da neurociência contemporânea: António Damásio.

4 O erro de Descartes e a interpretação contemporânea da natureza humana

O primeiro livro de António Damásio, neurologista português que trabalha e leciona nos EUA, define o erro de Descartes como “a separação abissal entre o corpo e a mente, entre a substância corporal, infinitamente divisível, com volume, com dimensões e com um funcionamento mecânico, de um lado; e a substância mental, indivisível, sem volume, sem divisões e intangível, de outro.”⁸

Este equívoco provém de uma afirmação. Talvez, uma das mais conhecidas da história da filosofia: *penso, logo existo*.

Ela pode ser encontrada em duas obras de René Descartes: *O discurso do método* (1637), em francês – *Je pense, donc je suis* e em um texto posterior *Princípios de filosofia* (1644), em latim – *Cogito ergo sum*.

⁷ Cf. BARRENECHEA, MA. *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

⁸ Cf. DAMÁSIO, AR. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 219.

Didaticamente, a análise do pensamento cartesiano se desdobra em duas linhas: a primeira concebe o ato de pensar como uma atividade separada do corpo; isto é, a mente é a coisa pensante (*res cogitans*), enquanto o corpo é a parte extensa, mecânica (*res extensa*).

A segunda se orienta na direção de explicar o pensamento e ter consciência de pensar como substratos do existir.

Atualmente, a construção da crítica a esse modelo está inserida no campo das *neurociências*.

Aqui a palavra *neurociências* é utilizada para designar saberes científicos que estudam o sistema nervoso e o cérebro dos seres vivos relacionados a tópicos diversos como neurociência afetiva, neurociência cognitiva, neurobiologia molecular etc. A sua aplicação destaca um conteúdo articulado de vários conhecimentos entrelaçados.

Nessa perspectiva, a mente é atividade dos neurônios; porém, tratando-se de uma interação entre o corpo e o cérebro resulta de uma complexa operação de múltiplos sistemas integrados.

Nesse contexto, a interpretação de António Damásio, desde os primeiros escritos, ao mesmo tempo em que aponta o erro de Descartes, situa Espinosa como um predecessor das *neurociências* contemporâneas.

No seu último texto publicado no Brasil⁹, ele afirma: “O entranhado dualismo que começou em Atenas, teve Descartes como avô, (...) é uma posição cujo tempo já passou. Precisamos agora de uma nova posição que seja biologicamente integrada”.

Para nós, um questionamento prioritário deve ser posto agora: como se produziria esta nova interpretação da natureza do homem “biologicamente integrada”?

A construção conceitual se pauta, inicialmente, na obra de Charles Darwin (1809-1882) sobre a teoria da evolução explicando a vida e a diversidade na Terra por intermédio da seleção natural.

Assim sendo, a mente é um processo, um mecanismo de regulação, de eficiência e de evolução da vida.

Em síntese, a mente é o registro daquilo que o *corpo sente* advindo do seu próprio interior ou do ambiente externo.

O processo de sensação disso que se sente é transformado em cartografia de imagens (visuais, auditivas, táteis, viscerais etc.) e traduzido em áreas do sistema nervoso central¹⁰.

O ser vivo interpreta tais mapas ou registros com o propósito de responder com mais eficácia às demandas da existência da vida.

O agente deste ato eclode do processo vital e se denomina *proto-self*. Várias espécies vivas são portadoras dele.

Em algum momento da evolução do *Homo sapiens*, a operação realizada pelo *proto-self* tornou-se melhor elaborada devido à conjugação de outro fator significativo: o acesso ao registro de experiências anteriores armazenadas em vários e distintos locais do sistema nervoso e do corpo.

Isto se chama *memória*.

Assim, a partir da memória surge o *self-central* cuja função é ampliar e sofisticar a articulação realizada pelos procedimentos elementares do *proto-self*.

Por intermédio do *self-central* se estabelece a *consciência* e a sua efetiva atuação se chama *subjetividade*.

⁹ Cf. DAMÁSIO, AR. *A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 274.

¹⁰ Cf. DAMÁSIO, AR. *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Breve nota: não se pode olvidar que a palavra mente abrange também o *inconsciente*, isto é, aquilo não registrado na consciência.

Por último, na escala de humanização da mente surgiu o *self-autobiográfico* sendo o responsável pela inteligibilidade das atitudes relativas à moral (interpretação dos hábitos, dos costumes, das leis, dos códigos da sociedade etc.), à política (interpretação do bem-estar da coletividade etc.), à ciência (interpretação do conhecimento aplicado para benefício da humanidade etc.), à metafísica (interpretação da crença em uma realidade pós-morte etc.).

Para o homem, os três agentes do processo de constituição da mente (*proto-self*, *self-central* e *self-autobiográfico*) são indissociáveis.

Em termos didáticos, e com outras palavras, é possível compreender o processo evolutivo da consciência relacionando-o aos estágios do *self*:

A “consciência simples” possibilita ao vivente ter conhecimento tanto da condição ambiental quanto dos seus próprios estados internos (*proto-self*).

A “consciência fenomenal” que permite a experiência do eu, na primeira pessoa, dessas diferentes condições e estados (*self-central*).

Entretanto, o desafio do ser humano para o século XXI é *incorporar* a “consciência meta-fenomenal” que compreende, expande e supera a experiência do *self-autobiográfico*.

5 Considerações finais

O que é o homem? O texto didático enfocou este questionamento filosófico universal clássico para investigar e compreender a resposta hegemônica constituída a partir da modernidade pelo campo científico.

A ciência moderna é a fonte da principal força de supremacia histórica que chegou até a atualidade estabelecendo e determinando a figura do homem bipartido ou de composição dual: corpo e mente (ou pensamento, ou alma).

Com a intenção de superar tal dicotomia, articulou-se a produção filosófica de Espinosa, de Nietzsche e a interpretação contemporânea das neurociências sobre o tema.

A resposta que define a *natureza humana* é histórica e cultural, sempre relacionada a um ou a vários campos do conhecimento humano; contudo, jamais preenche a aspiração do homem de conhecer *tudo* sobre *si*.

Talvez, seja esta a nossa própria possibilidade de vida: a relação com o enigma que somos - um acontecimento.

Em síntese, *o homem simplesmente acontece*.

Então, a nossa jornada desde que somos *Homo sapiens* exige outro destino que projeta um novo problema para exploração (nos próximos textos didáticos):

Como o homem adquire a sua humanidade para dar significado e valor à sua própria vida?

A condição da humanidade do homem não pode ser fixada *a priori*, mas somente adquirida na sua existência. Ela é compreendida como um caminho, uma direção não determinada previamente, um devir.

5.1 Implicações da pesquisa para a *ética-da-vida* ou *aionética*: um duplo desafio

O saber da bioética como *ética-da-vida* ou *aionética*, embora valorize o estudo das neurociências, buscará expandir a concepção da natureza humana para além da biologia.

A figura do homem contemporâneo não poderá ser identificada e determinada como um vivente restrito apenas às leis biológicas da adaptação evolutiva, vinculado a um só tipo de causalidade como os estados cerebrais, pois isso é tornar reduzida a dimensão humana.

Sendo assim, se lança o primeiro desafio: a superação do modelo dicotômico da dualidade humana.

O movimento inicial é ultrapassar a captura e sedimentação classificatória do *self* que persiste na ciência atual, principalmente, no saber médico.

O saber da *ética-da-vida* ou *aionética* intenciona produzir o *si-mesmo* por intermédio do PensArteCorpo, fazendo emergir, eclodir, acontecer *condutas* relativas ao *Ethos* (como a forma-de-vida, o modo de ser, o caráter, a singularidade do indivíduo) compromissadas com a diferença, com o outro, com a convivência colaborativa construindo uma nova experiência de vida coletiva.

O nosso repto será viver o *si-mesmo* como uma unicidade, uma tríade indivisível: *corpo-energia-mente*.

Aqui a energia é interpretada e assimilada a partir da leitura da física quântica: *os seres vivos se constituem de átomos e se comportam de acordo com as leis da física*¹¹.

O relevante nesse contexto é compreender a medicina como um saber que ultrapassa a ciência biológica. Tal gesto não é negá-la como prática científica, mas ir além.

Para nós, a fonte originária desse modelo de interpretação se encontra, em torno do século IV a.C., na clássica oposição entre as duas principais escolas médicas do chamado “mundo civilizado” da época ou Magna Grécia: Cós e Cnido.

Em Cnido, o saber e a prática médica eram vinculados principalmente ao corpo destacando as suas alterações morfo-patológicas.

Enquanto em Cós, a medicina era compreendida e praticada como um *saber integrativo* em que a natureza humana e as enfermidades faziam parte de um todo - o *Kosmos* (Universo ou *ordem bela*).

Hipócrates era médico e professor em Cós. O texto hipocrático “*Ares, Águas e Lugares*” é a prova testemunhal incontestado do pensamento da sua Escola.

Hoje, algumas práticas e saberes médicos buscam resgatar esse princípio originário como, por exemplo, a Medicina Integrativa.

O segundo desafio é ultrapassar a interpretação hegemônica atual dos conceitos de pensar e de ser.

Isso implica em compreender o pensamento para além do conceito restrito somente ao próprio conteúdo mental (as operações da vontade, do entendimento, da imaginação e dos sentidos) porque, como se estudará em texto posterior, *pensar* é estabelecer um *encontro* com o *fora*.

A *ética-da-vida* ou *aionética* se pauta pelo questionamento radical, de raiz da nossa própria vida.

Isso exige um *novo valor* para interpretar a dimensão *do ser*, ou seja, a compreensão *da essência* daquilo que é *singular*.

Então, se questiona os *valores* da experiência de viver como sendo próprios, autênticos ou falsos, impostos, se significam e justificam ou não a nossa própria *existência*.

Quem sou eu? O problema que deu início ao texto didático só tem coerência com a vida se a resposta for construída a partir da *liberdade*.

¹¹ Cf. FEYNMAN, RP. *Física em 12 lições: fáceis e não tão fáceis*. 2º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, p. 50.

Responder a este questionamento originário é o gesto de posicionar-se ante a alternativa que indica *o quem sou* ou *o que sou* de forma livre.

Para nós, a possibilidade de entrelaçar o pensamento e o ser é a condição para a liberdade.

Para a *aionética*, a liberdade do homem é a produção do *si-mesmo*.

Trata-se da atitude projetiva ultrapassando as coerções daquilo vindo ao nosso encontro a partir do perigo de viver o mundo.

Isto significa *encontrar a liberdade*¹².

Aqui se fazem ressoar os versos de Cecília Meireles¹³:

O ser humano é livre,
Ser livre é a condição de quem tem liberdade.
Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta
E não há quem explique
E não há quem não entenda.

A liberdade face ao mundo é também atitude frente aos nomes que se atribui às coisas, com isso se afirma a linguagem que nos torna humanos como uma possibilidade sempre em transformação.

O *eu* é um (pro)nome a ser ultrapassado, assim como a sua ontologia do ser, isto é, o *sou* da *permanência*, da *imobilidade*, da essência *egoísta*.

Para a natureza humana, a *aionética* busca o valor do *sendo*: o gerúndio que compõe a *possibilidade* do homem *tornar-se humano* ao adquirir a sua humanidade por intermédio do verbo *viver*, expressando-se como *existir*, *cuidar*, *amar* etc.

Aqui a *forma-de-vida* não é mais respaldada no *logos* como na tradição filosófica, mas na *potência da vida*.

Esta *potência* cada um de nós, *diferentemente*, tem ao viver a própria vida.

A *aionética* prioriza, valoriza esta singularidade como uma condição ímpar do humano: o *Ethos* ou o *modo de ser*.

Ela se expressa em múltiplas dimensões como inteligência, sensibilidade, cooperação, desejo e tem dupla capacidade: afetar e ser afetado.

Este *caráter* não é uma propriedade ou uma faculdade situada no sistema nervoso central, não é a subjetividade, tampouco a vontade ou a consciência psicológica.

Esta *singularidade* se produz no *aión* e se expressa na *forma pura do tempo*, na força do tempo que, antes de tudo, potencializa a vida, ou melhor, oportuniza a *forma-de-vida* como possibilidade, como *potência*.

Trata-se da *abertura*, da *passagem* para a dimensão da imanência do *Ethos* que se faz no acontecimento do viver.

Por isso, na *aionética* se vive a relação *corpo-energia-mente* hifenizada, unificada como uma experiência de *si-mesmo* no *sendo*: uma *desconstrução* e *invenção* ao mesmo tempo.

A unicidade é a potência da invenção: o ser humano a cada instante se *transforma*, se *inventa*; mas também *persevera*, tornando-se *presente* e *perene*.

Por fim, aqui está a resposta para a provocação de Nietzsche que se pôs na epígrafe: *o escultor do homem é a produção de si-mesmo!*

¹² BARROS FILHO, C e CALABREZ, P. *Em busca de nós mesmos*. 4º ed. Porto Alegre: CDG, 2019, p. 315.

¹³ Transcrição livre do poema inserido no curta-metragem *Ilha das Flores* (1989) de Jorge Furtado.